



TRADIÇÃO DA PAIDEIA GREGA NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE GREGO ANTIGO: FORMAÇÃO INTEGRAL E DESENVOLVIMENTO DE VALORES HUMANISTAS

Leici Landherr Moreira

Linha temática – Os valores humanistas e a evolução tecnológica: paralelos e interconexões.

Resumo: Este estudo tem o objetivo apresentar o relato de experiência de uma ação pedagógica que busca demonstrar como a ênfase no ensino dos valores humanistas através do estudo do Grego antigo pode superar as dificuldades dos alunos em compreender a importância das línguas clássicas no contexto de evolução tecnológica. Defendemos a proposta de que, mesmo diante das inovações tecnológicas para o ensino de línguas, as bases do ensino da língua grega antiga estão ancoradas na tradição da *paideia* grega, com vistas à formação integral do ser humano. Para tanto, a fundamentação teórica versa inicialmente sobre como a escrita do alfabeto grego, uma tecnologia linguística, cuja funcionalidade se constrói para formação do ser humano, e como o ensino de Grego antigo estão a serviço do desenvolvimento de valores humanistas enraizados na *paideia* grega, principalmente, a partir das leituras de Jaeger (2013) e Carotenuto (2023). Empregamos a metodologia de abordagem qualitativa, com a pesquisa bibliográfica e a descrição do relato de experiência de atividade de leitura, escrita, tradução e aplicação pessoal e/ou profissional das máximas délficas realizada com as turmas nove e dez do Bacharelado em Ontopsicologia. Essa atividade revelou que o ensino-aprendizagem de grego antigo pode não se restringir à formação técnica, mas portar um sentido de valor na formação integral dos estudantes, empregando o ensino de valores humanistas enraizados na civilização grega como atividade formativa complementar à técnica.

Palavras-chave: Grego Antigo, *Paideia*, valores humanistas.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o ensino de grego antigo ocorre, geralmente, no âmbito dos cursos de Letras. Na Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), a disciplina de “Introdução às Línguas Clássicas: Grego” integra o núcleo de estudos clássicos e introdutório na estrutura curricular do Bacharelado em Ontopsicologia, do primeiro módulo do curso. É um desafio, porque o grupo de estudantes que cursa o primeiro módulo não é homogêneo, de um lado, há jovens que acabaram de sair do ensino médio, inclinados a desistir diante da primeira dificuldade imposta pela língua, cada vez mais dependentes da tecnologia, resistentes a compreender plenamente a importância de estudar uma língua antiga quando a Inteligência Artificial fornece áudios, traduções e análise etimológica em segundos. De outro lado, há estudantes adultos de diferentes formações e profissões não menos inseridos no contexto tecnológico. Independente do grupo, o questionamento do estudante é o mesmo: qual é a importância de estudar grego antigo?

De modo geral, pretende-se estudar grego antigo para ler a literatura grega antiga no idioma original, ampliar o domínio lexical, conhecer a origem das palavras e ampliar a dimensão cultural. No Bacharelado em Ontopsicologia, a aprendizagem de grego antigo, enquanto conhecimento técnico, permite ler, compreender e pronunciar as palavras e expressões gregas nas obras referenciais da Ontopsicologia, além de compreender as estruturas linguísticas mobilizadas para análise etimológica dos conceitos da ciência Ontopsicológica. No Dicionário de Ontopsicologia, Meneghetti (2021, p. 19) afirma que de cada palavra que define, busca encontrar a raiz que principia a especificação de um modo de ação existencial. Para o autor, os pais da língua italiana – e portuguesa –, o Grego e o Latim, forjaram o sinal sobre a emoção ôntica, por isso, o vocabulário no Dicionário de Ontopsicologia é fundado sobre o étimo linguístico grego e romano no intuito de “autenticar o sinal ao ato *in vivo*” (Meneghetti, 2021, p. 20).

Neste estudo, diante da dificuldade enfrentada pelos alunos para compreender, sobretudo, na dimensão prática, a importância de estudar a língua grega antiga, apresentamos o relato de experiência de uma ação pedagógica que busca demonstrar como a ênfase no ensino dos valores humanistas através do estudo do grego antigo pode superar as dificuldades dos alunos em compreender a importância das línguas clássicas no contexto de evolução tecnológica.

No contexto em que a Inteligência Artificial ganha mais espaço no ambiente educacional, o estudante tem à sua disposição uma série de recursos para acessar o conhecimento de grego antigo, desde os dicionários e vocabulários digitais até o uso de plataformas que disponibilizam a tradução automática e análise de texto. Mesmo que o jovem integre essas ferramentas em seu processo de aprendizagem, o ensino de grego antigo só se torna funcional se direcionado à formação integral do ser humano, compreendendo cada estudante como um indivíduo único. Assim, a integração da Inteligência artificial no ensino deve ser orientada por princípios humanistas, garantindo que a aprendizagem vá além do técnico e contribua para a formação integral do aluno.

Por isso, pretendemos defender a proposta de que, mesmo diante das inovações tecnológicas para o ensino de línguas, as bases do ensino da língua grega antiga estão na tradição da *paideia* grega, com vistas à formação integral do ser humano. Dessa forma, a fundamentação teórica versa inicialmente sobre como a escrita do alfabeto grego, uma tecnologia linguística, um instrumento, cuja funcionalidade se constrói para formação do ser humano e como o ensino de grego antigo está a serviço do desenvolvimento de valores humanistas enraizados na *paideia* grega, principalmente, a partir das leituras de Jaeger (2013) e Carotenuto (2023). Com uma abordagem qualitativa, além da pesquisa bibliográfica, apresentamos um relato de experiência de atividade de leitura, escrita de caracteres gregos, tradução e aplicação pessoal e/ou profissional das máximas délficas realizada com as turmas nove e dez do Bacharelado em Ontopsicologia. Com isso, buscamos demonstrar que o ensino-aprendizagem de grego antigo, na disciplina de “Introdução às Línguas Clássicas: Grego” não se restringe à formação técnica, mas porta um sentido de valor na formação integral dos estudantes, empregando o ensino de valores humanistas enraizados na civilização grega como atividade formativa complementar à técnica. É com essa ação pedagógica, portanto, que o estudante começa a superar as dificuldades em compreender a importância das línguas clássicas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica discorre sobre as bases do ensino da língua grega antiga a partir da tradição da *paideia* grega. Dessa forma, discutir as bases do ensino da língua grega implica em tecer algumas considerações a respeito do contexto histórico-cultural do ensino sistematizado da língua grega na Grécia Antiga, a começar pela origem da escrita alfabética e a funcionalidade desse conhecimento linguístico na tradição da *paideia* grega em autores que, fazem parte do background histórico à ciência Ontopsicológica. De acordo com o Dicionário de Grego-Português, *παιδεία* (*paideía*) é uma palavra grega empregada para designar tanto a educação de crianças quanto a cultura, instrução e até mesmo o conhecimento de artes e ciência liberais (Malhadas, Dezotti, Neves, 2022, p. 773). Essa variedade de sentidos reflete a complexidade conceitual do termo, tal como é discutida por Jaeger (2013, p. XXI). Para o helenista, a despeito das tentativas de compreensão da *paideia* com expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação, nenhuma é capaz de corresponder ao que os próprios gregos compreendiam acerca do termo, pois, a *paideia*, na verdade, é um conceito global, uma unidade originária de todos esses aspectos. É, portanto, desse ideal da *paideia* grega que emerge o alfabeto grego e se concebe o ensino da língua.

O advento da escrita do alfabeto grego remonta à primeira metade do século VIII a.C. a partir da escrita e princípios do alfabeto fenício com propósitos comerciais (Thomas, 2005, p. 74). Do ponto de vista das ciências da linguagem, a escrita é uma tecnologia linguística, sem a qual o saber científico não se constitui. Para o filósofo da linguagem Aurox (1992), a invenção da escrita

representou a primeira revolução tecnolinguística da humanidade, porque a partir dessa tecnologia desenvolveram-se reflexões sobre a linguagem na Antiguidade, incluindo a tradição gramatical grega, legada pelas línguas modernas. Nesse sentido, torna-se pertinente pensar no alfabeto grego como uma tecnologia, um instrumento de desenvolvimento intelectual do pensamento abstrato e analítico grego. Assim é posicionamento de Havelock (1996), para quem a invenção do alfabeto grego viabilizou o avanço do conhecimento humanístico e científico em uma sociedade onde a produção e transmissão do conhecimento restringiam-se à atividade mnemônica:

(...) o alfabeto tornou possível a formulação de enunciado novo e inesperado que antes não era familiar e era até “impensado”. O avanço do conhecimento, tanto humanístico quanto científico, depende da capacidade humana de pensar sobre uma coisa inesperada: pensar uma “ideia nova”, como dizemos nós, exprimindo-nos de maneira inexata mas acertada. O alfabeto, encorajando a produção de enunciado insólito, estimulou os pensamentos novos, que podiam ficar disponíveis em forma escrita, ser lidos e relidos, e assim irradiar sua influência entre leitores. O poder do pronunciamento novo não se cinge ao arranjo da observação científica. Cobre o espectro da experiência humana. Tornaram-se inventáveis novas maneiras de falar sobre a vida humana, e, portanto, de pensar sobre ela, formas que só se fizeram lentamente possíveis para o homem quando elas vieram a ser escritas, ficando preserváveis e passíveis de difusão nas literaturas alfabéticas. (Havelock, 1996, p. 85-86).

Com esse excerto, fica evidente como a evolução tecnológica, do ponto de vista linguístico, na Grécia Antiga, oportuniza a produção de saberes, que estão nas raízes dos conhecimentos ocidentais. Entretanto, é preciso lembrar que o ponto de partida para o desenvolvimento da *paideia* grega não é a invenção da escrita alfabética. A preocupação com a formação do homem grego advém de uma sociedade predominantemente oral, onde os valores humanistas começam a ser delineados, por isso, a língua grega, enquanto representação escrita, é um instrumento, cuja funcionalidade se constrói para formação do ser humano.

Carotenuto (2023), na obra “A *paideia* ôntica: dos Sumérios a Meneghetti” apresenta a definição do conceito de *paideia*, articulado ao conceito de ἀρετή (*areté*), conforme os diferentes momentos histórico-culturais da civilização grega desde os tempos homéricos até o período helenístico. Para a autora, os poemas homéricos, *Iliada e Odisseia*, contribuíram para a formação do homem grego da Idade Clássica, especialmente, pelos valores difundidos na educação do nobre guerreiro homérico na *Iliada*, que compreendia tanto os esportes, exercícios cavaleirescos, atividades artísticas como o canto e a lira quanto a ética da honra, da sabedoria e da medida, mas principalmente, a *areté* – excelência pessoal – como parâmetro para todas essas áreas. Na *Odisseia*, segundo Carotenuto (2023, p. 36), o termo é imbuído de novos valores relacionados ao valor do trabalho produtivo, por isso, enfatiza-se a vida ordenada e serena, espírito de aventura ligado à curiosidade para o novo e ao gosto pelas viagens. Por esse motivo, a *paideia* intenciona que o homem seja capaz de exprimir o valor humano, compreendido como a *areté*. Para Meneghetti (2023, p. 77), a *areté*, intrínseca à nova humanidade atribuída ao sujeito pelos humanistas renascentistas, define-se como o valor da autonomia operativa, pois “era o elemento-base no qual devia individuar-se e exaltar-se o homem, portanto uma virtude do fazer, construir, definir, criar”. Sendo assim, é justamente por alcançar a *areté* que o homem também se torna capaz “*desenredar-se em todas as circunstâncias da vida*” (Carotenuto, 2023, p. 27).

Com o advento da escrita alfabética e o surgimento da *pólis* ou cidade-Estado, põe-se em evidência uma primeira forma de *humanismo*, na qual o homem assume a condição de figura social e espiritual, tendendo a realizar a forma de humanidade indicada pela *pólis* como ideal do cidadão (Carotenuto, 2023, p. 38). Nesse caso, segundo a autora, a *paideia* objetiva realizar completamente essa forma humana, que ocorre de dois modos completamente diversos na formação de jovens em Esparta e Atenas, as grandes cidades-estados da Grécia.

Em Esparta, para alcançar o ideal de formação coletivo da *pólis*, ao jovem, inicialmente, interessava a cultura física, a música, dança, canto, a poesia lírica; as grandes festas religiosas. Aos poucos, prevalecia o aspecto de formação dos hoplitas, tornando-se reduzido o aspecto intelectual, limitado à escrita e à leitura, com poesias de conteúdo moral, canto coral e música militar (Carotenudo, 2023, p. 41). É nesse contexto que ocorre o ensino da língua grega, em uma educação orientada para a preparação moral, para a formação do caráter do cidadão espartano.

Em Atenas, por outro lado, a *paideia* é orientada para o desenvolvimento da personalidade humana para atingir o ideal da *kalokagathia*, o ser belo e bom. (Carotenudo, 2023, p. 44). É, por isso que, conforme a autora, a dialética com a *pólis* assume uma função crítica e renovadora diante da descoberta da autonomia da pessoa humana, representada na poesia e da descoberta de si mesmo como indivíduo, amparado pelo saber da filosofia. Como em Esparta, o ensino da língua grega em Atenas integra um programa de educação político-literária, onde a leitura e escrita andam lado a lado com a recitação de um repertório de poesias líricas com conteúdo ético e poemas homéricos.

Carotenudo (2023) ainda discute o conceito de *paideia* desenvolvido no interior das escolas filosóficas, que pode ser considerada uma espécie de desdobramento da formação do homem grego em Atenas. Para os sofistas (V-IV a.C.), o problema educativo consistia na formação do homem político, para quem a *areté* corresponderia não mais a excelência pessoal ou virtude, mas a habilidade intelectual na ação política. Com Sócrates, a partir do método pautado na ironia e maiêutica, as instâncias educativas previam quatro aspectos: (i) filosofar como assunção de valores, incluído o questionamento sobre a existência e a tomada de posição diante da vida; (ii) utilização adequada do corpo; (iii) igualdade moral dos homens e ideia de humanidade para além da relação com a *pólis*; (iv) realização da *paideia* somente com o processo de *metanoia*. Para Isócrates, de outro modo, a *paideia* e a *areté* concerniam à arte da palavra, aprendida a partir de um programa educativo que favorecia o desenvolvimento de “um espírito capaz de invenção, de intuição, atitude ao trabalho, memória, voz, clareza de dicção e desenvoltura” (Carotenudo, 2023, p. 53). Para Platão, a educação devia ser promovida pelo Estado, o paradigma de toda forma de vida, para formar o homem enquanto cidadão, preparando-o não apenas para realizar habilidades técnicas, mas formar uma espécie de homem capaz de realizar em si o equilíbrio entre a alma concupiscível e a alma irascível, para que se alcançasse também o equilíbrio entre os diversos tipos de seres humanos. Aristóteles, por sua vez, também designava a *paideia* para formar a alma e ação civil, uma vez que, para o filósofo, “o homem deve se realizar segundo a própria forma, que é constituída pela atividade do intelecto (*nous*), e esse é também o escopo final de todo processo de formação individual”. (Carotenudo, 2023, p. 58)

É com o Helenismo (324-323 a.C. – 31 a.C.) que o conceito de *paideia* recebe novos matizes a partir de um ideal de homem como indivíduo, pessoa humana, personalidade autônoma, desvinculado da *pólis*. Segundo Carotenudo (2023, p. 63), a existência tanto individual quanto comunitária está no homem, enquanto personalidade autônoma. Por isso, na *paideia* helenista, o “educar-se quer dizer fazer a si mesmo”. (Carotenudo, 2023, p. 63). Para a autora, as características da educação helenística são o desejo pela *humanitas*, pela integridade e singularidade, de tal modo que a formação de um indivíduo adota, acima de tudo, um estilo de vida alinhado a um ideal e se desenvolve plenamente, potencializando sua originalidade. Na concepção de Jaeger (2013, p. 12), este seria o princípio espiritual dos gregos: o humanismo como “a educação do Homem de acordo com a verdadeira forma humana, com seu autêntico ser”.

Pragmaticamente, o ideal de *paideia* helenística concretiza-se por meio da organização, conteúdos e programas do processo educativo, desde a educação familiar, a escola primária, escola secundária e escola superior. O ensino da leitura e escrita da língua grega ocorria na escola primária, mas a escola secundária consistia, principalmente, na leitura e comentários de Homero, Hesíodo, poetas líricos e trágicos, bem como a realização de trabalho de pesquisa etimológica, e, posteriormente as artes da gramática, retórica, dialética (*trivium*), geometria, aritmética, astronomia e teoria musical (*quadrivium*) (Carotenudo, 2023, p. 66). O ensino da língua grega ocorre nesse contexto histórico-cultural, como um instrumento, pelo qual se tem acesso às obras clássicas, que junto às outras especificidades do programa, efetivam o ideal pedagógico helenístico: “a formação ética e do caráter, que se realiza como cuidado de si mesmo” (Carotenudo, 2023, p. 65).

Carotenudo (2023) demonstra que, apesar dos diferentes momentos da história da Grécia, a *paideia* sempre teve um mesmo fim: a formação do homem capaz de exprimir o valor humano da *areté*. Pelos diferentes sentidos atribuídos a esse conceito conforme as orientações culturais, sociais e filosóficas da compreensão acerca do homem, a *paideia* grega também contemplou várias definições. É nesse sentido que a afirmação de Jaeger (2013, p. XXI) a respeito da complexidade conceitual do termo pode ser explicada. Mesmo assim, é possível perceber que as bases do ensino da língua grega na Grécia Antiga não podem ser dissociadas dos ideais de formação do homem, sendo a língua escrita como uma tecnologia linguística para produzir a novidade de conhecimento ou como um instrumento de acesso às obras, onde os valores humanistas começaram a ser gestados.

3. MÉTODO

Para este estudo, utilizou-se como método de pesquisa a abordagem qualitativa, a partir da pesquisa bibliográfica sobre o ensino-aprendizagem da língua grega na Antiguidade articulando conceitos e percepções de Jaeger (2013), Thomas (2005), Havelock (1996) e Carotenudo (2023), além da pesquisa descritiva com um relato de experiência sobre o ensino-aprendizagem da língua grega em uma atividade sobre a leitura, escrita, tradução e aplicação pessoal e/ou profissional das máximas délficas aplicada na disciplina de “Introdução às Línguas Clássicas: Grego” com as turmas nove e dez do Bacharelado em Ontopsicologia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os aspectos da fundação teórica, elaboramos para as turmas nove e dez do Bacharelado em Ontopsicologia, uma atividade que atrela o conhecimento técnico ao ensino de valores humanistas concebidos pela civilização grega. A atividade consistiu na realização da leitura/pronúncia, escrita dos caracteres gregos, tradução e aplicação das máximas délficas, inscritas no santuário de Delfos (século VI a.C.) por sete sábios. Segundo Pausânias (Pausânias 10.24.1), as máximas ficavam localizadas em uma parede no *prónaios* (vestíbulo) do templo de Apolo, em Delfos, e sua autoria era atribuída a sete homens notáveis pela sabedoria prática e experiência de vida: Tales, Sólon, Quilon, Pitaco, Bias, Cleóbulo e Periandro. Apesar das inscrições não existirem mais no santuário de Delfos, o estudioso Estobeu (1884) as transmitiu através de uma compilação de fragmentos de autores gregos. As 147 máximas que chegaram até nós refletem o pensamento e a visão de mundo helênicas, valores essenciais para o desenvolvimento da *paideia*, uma vez que as diretivas poderiam orientar o homem grego a uma vida de excelência pessoal e virtude (*areté*).

Os resultados da atividade consistem na leitura de frases originais sem quaisquer adaptações, escrita em caracteres gregos, tradução e proposta de aplicação pessoal e/ou profissional das seguintes inscrições helênicas: *gnōthi sautón* (conhece a ti mesmo), *epáinei aretén* (louve a virtude), *sophían zélou* (busque a sabedoria), *ídía phýlatte* (proteja o que é seu), *paideías antékhōu* (apegue-se à educação), *tékhneí khrō* (cultive as habilidades), *eúkhōu dynatá* (deseje o possível), *árkhe seautoū* (controle a ti mesmo), *seautón eū poíei* (faça bem a ti mesmo), *seautón aidōū* (respeite a ti mesmo), *prátte díkaia* (pratique a justiça), *kríne díkaia* (faça julgamentos justos).

Para a tradução das máximas, os estudantes fizeram uso do dicionário de grego-português físico (Pereira, 1990; Malhadas, Dezotti, Neves, Pereira, 2022) e virtual (Perseidas, 2024) para verificar exatamente o sentido das palavras empregadas naquele momento histórico. Com a revolução tecnológica, hoje o aluno tem acesso às ferramentas digitais como dicionários e vocabulários grego-português de modo gratuito, de grande utilidade, se usados adequadamente. Para os gregos na Antiguidade, o alfabeto grego, enquanto tecnologia linguística, viabilizou a produção de conhecimento, a novidade de pensamentos, novas formas de falar sobre a experiência humana; na modernidade, a aprendizagem da língua grega associada às ferramentas tecnológicas, nesse caso, os

dicionários virtuais, pode também trazer novidade de conhecimento, mas, principalmente, a novidade de vida quando o propósito é formar o ser humano integral com base nos valores humanistas enraizados na cultura grega antiga.

Nessa perspectiva, pela atemporalidade dos princípios transmitidos pelas sentenças délficas, os estudantes conduzem reflexões de natureza pessoal e/ou profissional, articulando os conhecimentos de Ontopsicologia com a experiência prática diária para discutir estilo de vida, liderança, autoconhecimento etc. Por exemplo, para máxima *gnōthi sautón* (conhece a ti mesmo), lançam mão da seguinte leitura proposta pelo Professor Acadêmico Antonio Meneghetti (2022, p. 84): “(...) só ‘quem sabe não saber’ coloca-se na exata atitude de pesquisa, enquanto quem acredita já saber a verdade nada faz verdadeiramente para buscá-la. Conhecer a si mesmo quer dizer cultivar a própria alma, que é a essência do homem”. Outras reflexões foram apresentadas na 1ª Edição da Koine: Interações Científicas em Ontopsicologia em 2023 (Moreira, Stefenon, Dias, Chaves, 2024).

Com essa atividade, os estudantes construíram a habilidade de leitura, escrita e tradução de frases em grego antigo, adquirindo competências técnicas, no entanto, o que, de fato, nos interessa é que vivenciem a importância de estudar as línguas clássicas compreendendo como a competência técnica oportuniza o contato com textos originais da cultura grega, que gestaram os valores humanistas, fundamentais para a cultura helênica e pensamento moderno ocidental. Quando a aprendizagem da língua é articulada à vivência do aluno, não porque vai utilizar grego antigo para conversar com os amigos, discutir estratégias de crescimento na empresa, mas porque o conhecimento linguístico viabilizou o acesso ao conhecimento humanístico, a ação pedagógica contribui com a formação humana integral do estudante, nesse caso, com a reflexão sobre as aplicações de valores humanistas no ambiente pessoal e/ou profissional.

Portanto, enquanto as bases do ensino da língua grega antiga continuarem ancoradas na tradição da *paideia* grega, mesmo com o uso de inovações tecnológicas, a funcionalidade do ensino-aprendizagem dessa língua se moldará para a formação integral do ser humano. Assim, o ensino e a aprendizagem de grego antigo na disciplina “Introdução às Línguas Clássicas: Grego” podem ir além da formação técnica, incorporando um valor significativo na formação integral dos estudantes, ao integrar o ensino de valores humanistas, fundamentados na civilização grega, como uma atividade formativa que complementa a formação técnica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da problemática da dificuldade dos estudantes em compreender a importância do estudo de grego antigo na disciplina de “Introdução às Línguas Clássicas: Grego”, este estudo apresentou o relato de experiência de uma ação pedagógica de leitura, escrita dos caracteres gregos, tradução e aplicação pessoal e/ou profissional das máximas délficas proposta às turmas nove e dez do Bacharelado em Ontopsicologia. Diante da diversidade de recursos oriundos da revolução tecnológica, defendemos a ideia de que as bases do ensino-aprendizagem da língua grega antiga devem estar ancoradas na tradição da *paideia* grega, com vistas à formação integral do ser humano.

Desse modo, a partir de Jaeger (2013) e Carotenuto (2023), verificamos qual era a funcionalidade do ensino da língua grega no ideal de *paideia* em diferentes momentos histórico-culturais da civilização grega desde os tempos homéricos até o período helenístico. Apesar dos diferentes momentos da história da Grécia, a *paideia* sempre teve como finalidade a formação integral do ser humano.

Com essa perspectiva, apresentamos o relato de experiência da atividade de leitura, escrita dos caracteres gregos, tradução com o uso de ferramentas tecnológicas como os dicionários digitais, e aplicação pessoal e/ou profissional das máximas délficas. Com essa atividade, procuramos evidenciar que, enquanto as bases do ensino da língua grega antiga continuarem fundamentadas na tradição da *paideia* grega, ainda que se amplie o uso de inovações tecnológicas, a funcionalidade do ensino-aprendizagem dessa língua se moldará para a formação integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CAROTENUTO, M. **A paideia ôntica: dos sumérios a Meneghetti**. Tradução Ontopsicológica Editora Universitária. 2 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2023.
- HAVELOCK, E. A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Tradução Ordep José Terra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- JAEGER, W. W. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, Maria Helena de Moura (coord.). **Dicionário grego-português [DGP]**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial/ Araçoiaba da Serra, SP: Editora Mnema, 2022.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.
- MENEGHETTI, A. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2023.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.
- MOREIRA, L. L.; STEFENON, C. A.; DIAS, P.; CHAVES, M. Máximas délficas: uma proposta de leitura, tradução e aplicação do conhecimento grego. **Revista Brasileira de Ontopsicologia - Brazilian Journal of Ontopsychology**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 137–138, 2024. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/98>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- PEREIRA, I. **Dicionário Grego-Português e Português- Grego**. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.
- PERSEIDAS. **Dicionário Digital Grego-Português**. Disponível em: < <http://hipatia.fclar.unesp.br/3x/> >. Acesso em: 09 de ago. de 2024.
- PAUSANIAS. **Complete Works**. United Kingdom: Delphi Classics, 2014.
- STOBAEI, I. **Anthologium**. Toronto: Toronto apud Weidmannos, 1884.
- THOMAS, R. **Letramento e oralidade na Grécia antiga**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.